

FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO E NOSSA SENHORA DAS NECESSIDADES

FOTO: VELHO BRUXO



APOIO: IRMANDADE DO DIVINO ESPÍRITO SANTO, ATELIER SANTO DE CASA, AUTOELÉTRICA E MECÂNICA JM POSSENTI, AUTOPOSTO AÇORES, BAR GAMBARZEIRA, CHICO PEIXARIA (EDINHO PESCADOS), COISAS DE MARIA JOÃO – RISOTERIA CAFÉ, FREGUESIA OYSTERBAR, GUTO E CRISTINA, LIMPIS – LIMPEZA E MANUTENÇÃO DE PISCINAS, RESTAURANTE E PETISCARIA DELÍCIAS DO MAR, RESTAURANTE PITANGUEIRAS, RESTAURANTE RESTINGA (BAR DO DANDÃO), RESTAURANTE SAMBURÁ, RESTAURANTE ZÉ DO CACUPÉ.

PROJETO DAQUI NA REDE

Estamos de volta!

Nosso objetivo é reportar os fatos, destacar as boas iniciativas, enfatizar os personagens da Barra do Sambaqui, Sambaqui e Santo Antônio de Lisboa.

Teremos sempre em vista os aspectos éticos da atividade jornalística, o que implica em profundo respeito aos semelhantes. Também usamos a boa técnica da apuração dos fatos e fatos, ouvindo sempre que possível as várias faces da moeda.

Não vamos falar mal da vida dos outros, nem criar ou instigar desavenças e malquerenças entre os moradores. Ou seja, passaremos ao largo de disputas intestinas, dos duelos de egos e daqueles que usam binóculos para enxergar seus umbigos. Eventualmente, se necessário, daremos uma olhada nestas querelas.

Vamos dedicar nosso tempo em destacar os atletas, artistas, escritores, faladores, criadores de casos, atores, artesãos, cantores e tocadores de instrumentos musicais e os que mexem com as letras, a língua e os números. Estaremos ligados aos que resguardam e cultivam a memória individual e coletiva, os que escrevem a nossa História, os pescadores antigos e atuais, comerciantes e empresários locais, todos comprometidos com a dinâmica autônoma das comunidades de nosso distrito.

O Daqui Jornal será mensal, com 12 páginas.

Estamos com uma página provisória do Daqui na Rede no Facebook – <https://www.facebook.com/daquinarrede/>.

Fale com a gente
contato.daquijornal@gmail.com
(48) 99804 4804 (zap)

EXPEDIENTE
DAQUI
JORNAL

Jornal mensal com circulação no distrito de Santo Antônio de Lisboa (Florianópolis/SC).

Redação e edição: **Anita Martins e Celso Martins**

Planejamento gráfico: **Ayrton Cruz**

Colaboram nesta edição com textos e fotos: **Diego Wendhausen Passos, Edson Luiz da Silva/Velho Bruxo, Joi Cletison, Milton Ostetto, Paulo Ricardo Caminha e Sérgio Luiz Ferreira**

Apoio: **Margaret Grando e Cláudio Andrade**

Jornalista responsável: **Celso Martins da Silveira Júnior** (Registro nº SC-00789 JP).

O Daqui Jornal é um produto da **MEI Celso Martins Edições**.

FOTO: CELSO MARTINS



Diretoria da Irmandade do Divino

Sônia Branco, Provedora da Irmandade do Divino

Sai Maurício Martins Cunha, entra a primeira mulher a dirigir a Irmandade do Divino Espírito Santo de Santo Antônio de Lisboa, Sônia Maria Branco, devota com ativa presença nos assuntos da Igreja, foi tesoureira da gestão anterior. A escolha ocorreu em 19 de agosto e a posse no dia 16 de setembro passados.

FOTO: VELHO BRUXO



Sônia Maria Branco

FOTO: VELHO BRUXO



Maurício Martins

Diretoria

Os demais integrantes da nova diretoria são os seguintes:

Vice Provedor: Sérgio Luiz Ferreira
1º Secretário: Cláudio Agenor de Andrade
2º Secretário: Maurício Cunha Martins
1º Tesoureiro: José Carlos Blanco
2º Tesoureiro: Sérgio Roberto Bertoldo

Conselho Fiscal

O Conselho Fiscal da Irmandade ficou com a seguinte composição: Presidente – Manoel Hercílio Marciano (Deca). Gabriel Vaz Pires, Renato Machado da Silva e Obaldo Philippi (titulares), Ademir Peixoto, Edemilso Neves Damasceno e Luciane da Cunha Lisboa Vilpert (suplentes).

Comissão Organizadora da Festa do Divino

Berenice Maria Sell do Vale Pereira, Cláudio Agenor de Andrade, Edinaldo Lisboa da Cunha, Edson Luiz da Silva (Velho Bruxo), Gabriel Vaz Pires, Gleuse Almeida da Silva, José Carlos Blanco, Laura Luz Gloria Caminha, Luiz Teixeira do Vale Pereira, Manoel Hercílio Marciano, Maria de Lourdes Andrade Padilha, Maurício Cunha Martins, Obaldo Philippi, Paulo Ricardo Caminha, Roldão Vaz Pires, Sérgio Luiz Ferreira, Silvana Marlene Martins e Sônia Maria Branco.

Novos irmãos

A Irmandade do Divino de Santo Antônio de Lisboa conta com novos irmãos e irmãs: Berenice Cunha Martins da Silva, César Vilpert, Edson Luiz da Silva, Gabriel Ezeneu Pereira, Joi Cletison Alves, Manoel Cândido da Luz, Marcos Antônio Pires da Cunha, Maria de Lourdes Andrade Padilha, Maria Helena Dutra Blanco, Paulo Ricardo Caminha, Valter da Silva Sardá, Willian Gil Martins e Zulma Jorge de Queiroz.

Missão cumprida

“Saio com a consciência do dever cumprido”, avaliou o ex-provedor Maurício Martins na festa de confraternização dos organizadores dos festejos do Divino de 2018, dia 24 de setembro no salão paroquial. Ele aproveitou o momento para um balanço da gestão de quatro anos na Irmandade, responsável por cinco festas.

Maurício assumiu a Irmandade em 2014, num momento que ficou sem diretoria, correndo o risco de extinção, auxiliado de perto por José Carlos Blanco e outros. “Peguei a Irmandade em fase de decadência, mas ela foi reerguida e em quatro anos voltou a ser respeitada, dentro do princípio dos Irmãos de participação, de não deixar a peteca cair”. A resposta veio aos poucos e muitos que haviam desistido retornaram.

Ao longo dos quatro anos, avalia Maurício, levou em conta o conselho de um antigo provedor: “Faça com amor no coração, não faça por ódio”. Assim, procurou atender a todos, evitando tomar decisões individuais. “Nunca fiz nada sozinho, sempre em acordo com a diretoria”. Por tudo isso ele sai “satisfeito, deixando meu recado de união da Irmandade”.



Chorinho no Sarau



Banda Cruzy

A música, o canto e a dança

Música e canto por todo lado. Muita dança. Nas missas o canto sacro, o coral Vozes do Sol Poente, os violões de Alexandre Queiroz e outros. Na 21ª Farinhada do Divino estava previsto um grupo musical, mas cantaram quatro. No palco desfilaram bandas de rock e MPB, sertanejo e regionalista, ao lado de cantorias de grupos de boi de mamão. Um Sarau musical e literário ocupou o centro histórico.

Essa presença musical nos festejos do Divino ajudou a revelar, por exemplo, a banda Cruzy. Surgida em 2012 em ranchos de pesca e de barcos na praia do Sambaqui, a banda ganhou fama no festival Planeta Gambá de Santo Antônio e se firmou nos Divinos.

Edinho e Felipe (guitarra), Samuel (contrabaixo), Caio (bateria), Rodrigues Viana (percussão), no vocal Guilherme Cardozo e Tamyres Meyer, integram o grupo.

Estreando na Cruzy na Festa do Divino, Tamyres já vinha ensaiando com o grupo e frequentando aulas de canto. Divide o último ano do curso de Design na UFSC com atividade na Câmara Municipal.

O vocalista Guilherme Cardozo atua simultaneamente na Cruzy (ocasiões especiais) e na Tons de Sambaqui (também toca na noite). Com ele estão Cloves das Neves (violão), Vini dos Santos (percussão) e, mais recentemente, Herlano Rosa (flauta e gaita de boca). Eles abriram e fecharam a Festa do Divino, primeiro cantaram e tocaram na 21ª Farinhada, no Casarão e Engenho dos Andrade, e depois no palco montado ao lado da igreja no domingo (9.9).

O músico Alisson Motta participou em dois momentos da programação musical do Divino: no Sarau de terça-feira (3.9) e na cantoria do Boi de Mamão de Santo Antônio, no do-

mingo (9.9). Sobre a forte presença da música e do canto nos festejos do Divino, comentou: “Penso que isso vem de uma demanda dos frequentadores da festa, pelo fato de ser a música, a manifestação artística mais comunicativa que existe”. É isso que “mantém a festa em permanente estado de diversão”.

Sobre esta presença da música: “Não creio que isso esteja acontecendo em todos os lugares. Santo Antônio está se tornando um ambiente musical muito interessante, tem desde estúdio de gravação até ambientes que propiciam música ao vivo, como bares, restaurantes, festas populares e a feira das Alfaias, que este semestre está com uma programação muito boa de música ao vivo no palco da praça. Isso tudo é muito bom porque propicia diversão para todos e trabalho para os músicos”.

Pouca gente viu, mas todos ouviram na cerimônia de Coroação de Nossa Senhora das Necessidades, as Vozes do Sol Poente, coral criado em Sambaqui com integrantes de todos os bairros do distrito.

“Não existe festa sem música”, assegura Edinaldo Lisboa da Cunha (Feijão), há quase meio século promovendo bailes, festivais e outros eventos musicais. Conhece como poucos o chamado “gosto musical” e já atuou na programação musical de diversos festejos do Divino. “Música é arte, cultura, o maior entretenimento das festas. Não existe festa sem música”, a “maior expressão de alegria, responsável pela animação de qualquer evento”. Segundo Feijão, qualquer festa aberta ao público, como a do Divino, precisa de música, variada, eclética, sem discriminação de gosto ou preferência.



O jornalista Diego Wendhausen Passos fez uma breve e ilustrativa entrevista com a nova vocalista da Cruzy, Tamyres Meyer.

Quando surgiu sua afinidade com a música?

Desde pequena, meu pai tocava violão em casa, e eu cantava e tocava junto com ele. Depois, na minha adolescência, eu cantava na Igreja

da Barra de Sambaqui, surgindo assim minha afinidade com a música.

Como foi seu ingresso na Banda Cruzy?

No começo do ano o Gui entrou em contato comigo, por que eu também cantava na Igreja, e perguntou se eu queria entrar na banda, se eu queria fazer uns ensaios com eles.

A banda paranaense Origins e a banda Fronteiras, levaram públicos específicos para os festejos do Divino. A primeira, sintetizou. A segunda, retornando a Santo Antônio, apostou no regionalismo, na dança e na renovação do vestuário ao longo do show. Empolgaram o pessoal.

A Banda de Nossa Senhora da Lapa, do Ribeirão da Ilha, marcou presença na Festa do Divino, apesar do abalo pelo furto (e posterior achado) da imagem da padroeira. Criada em 1896, a Banda da Lapa acompanhou os cortejos com um repertório de antigas canções e fez retreta no domingo. Algumas destas composições foram interpretadas pela Associação Coral de Florianópolis, durante Concerto Açoriano na igreja de Nossa Senhora das Necessidades e Santo Antônio.

O quarto Sarau do Divino na Casa de Cultura Dona Clara Manso de Avelar (antiga Intendência), aconteceu debaixo de chuva torrencial, mas o público teimou em permanecer no local. Glaci Pacheco, Wagner Segura e grupo de choro, Cristiano Mendonça, Juliano Melego e Roger Correa, Romualdo Andrade e Alisson Motta, tocaram e cantaram. A parte literária ficou por conta dos contadores de causos Edinaldo Lisboa da Cunha (Feijão), e Cláudio Agenor de Andrade, substituindo o irmão Fausto. Tudo na linha da mais “pura verdade”.

Ronne Valença também passou pelo palco da festa. Ah! Ia esquecendo! Na 21ª Farinhada, estava prevista um grupo musical (Tons de Sambaqui), mas surgiram outras três bandas no palco local: Trio de Sambaqui, Under Cover e Primos. Nilera Conceição, Luiz Teixeira do Vale Pereira e Luiz Moukarzel cantaram, tocaram e acompanharam cortejo.



Cortejo espalha beleza e ideal de igualdade

POR ANITA MARTINS

“Quando vocês chegarem na igreja, larguem a mãozinha do seu par e abram a fila para o casal festeiro passar. Tá?”, explicava Maria de Fátima Lima da Luz às crianças e aos adolescentes do cortejo imperial poucos minutos antes do primeiro desfile do ano pelas ruas de Santo Antônio de Lisboa, no sábado (08.09) à noite. Maria de Fátima coordenou as atividades do cortejo da Festa do Divino Espírito Santo e de Nossa Senhora das Necessidades 2018, a pedido do casal festeiro, Sérgio Roberto Bertoldo e Carmen Lúcia Proença Bertoldo, pela grande amizade que as famílias têm. “Eu morro de cansaço toda vez que pego essa missão. Mas, quando vejo o cortejo na rua, me encanto”, disse ela, com lágrimas brotando nos olhos.

Em todos os desfiles, Maria de Fátima dirigiu o cortejo, indicando quando deveria ir mais rápido ou devagar, arrumando roupas ou acessórios que saíam do lugar, levantando saias compridas para meninas poderem subir degraus, tirando fotos e emocionando-se. Ajudando-a na tarefa estavam Berenice Kempner e Maristela da Luz, mães do casal mais novo, Breno, de quatro anos, e Sofie, de cinco. “Filha, anda na mesma velocidade que eu”, conduzia Maristela. “A mãe está aqui do lado”, avisava Berenice, para deixar Breno tranquilo.

Orgulhosas, as mães também registravam o momento. E não eram somente elas que se admiravam com as crianças e os adolescentes trajados com roupas imperiais. Turistas que estavam pelo bairro e deparavam-se com

os desfiles logo sacavam seus celulares para fotografar ou filmar tamanha beleza e comentavam sobre a fofura dos pequenos, muitas vezes sem entender o significado da tradição.

O cortejo imperial representa as pessoas do povo para quem o reinado seria transferido temporariamente durante a Festa do Divino. O coordenador do Núcleo de Estudos Açorianos (NEA) da UFSC, Francisco do Vale Pereira, explica que a prática surgiu em Portugal, com Isabel de Aragão, ou Rainha Santa Isabel, como ficou conhecida. “Diante de um conflito com o marido, que queria transferir a maior parte do reino para um filho não legítimo, ela fez uma promessa para o Divino Espírito Santo de que, se o problema fosse resolvido, colocaria um plebeu para reinar por três dias.”

Essa transferência de poder é encenada até hoje nos festejos do Divino, principalmente por meio da coroação. “Na festa do Divino, não é a realeza que é coroada, mas o povo. Isso nos relembra que, perante Deus, somos todos iguais”, ressaltou o padre Flávio Feller, que participou como convidado da missa da coroação.

Cortejo sobre rodas

Não foi só caminhando pelas ruas de Santo Antônio que o cortejo chamou a atenção. Sempre que a casa dos festeiros é um pouco mais longe, costuma-se fazer a trasladoção de domingo com a ajuda de veículos, como neste ano. No domingo (09.09) de manhã, a trasladoção foi feita com um ônibus Floripa by bus, onde foram os mem-

bro da Irmandade do Divino Espírito Santo, e um Trenzinho da Alegria, que levou a banda Nossa Senhora da Lapa e o cortejo imperial. Das calçadas, os passantes tiravam fotos e acenavam. Teve até um que disse “É o papa!”, por causa do símbolo da Irmandade que foi carregado na frente do veículo.

A formação do cortejo

Antigamente, o cortejo era composto apenas pelo rei e pela rainha, relata o historiador Sérgio Ferreira. Ao longo do tempo, os festeiros foram adicionando mais e mais familiares ao cortejo, aumentando-o. Hoje, com o número de filhos e netos diminuindo, a maioria dos participantes não é mais parente. Mas, na medida do possível, a tradicional presença de membros das famílias festeiras no cortejo é mantida. Foi assim neste ano, com as duas filhas de Sérgio e Carmen presentes, Manoeila como rainha – o rei foi João Marciano – e Camila como porta-bandeira. O casal ainda tem um filho do meio, Daniel, que formou o casal de honra com Rosa dos Santos Cruz, conhecida como dona Rosinha.

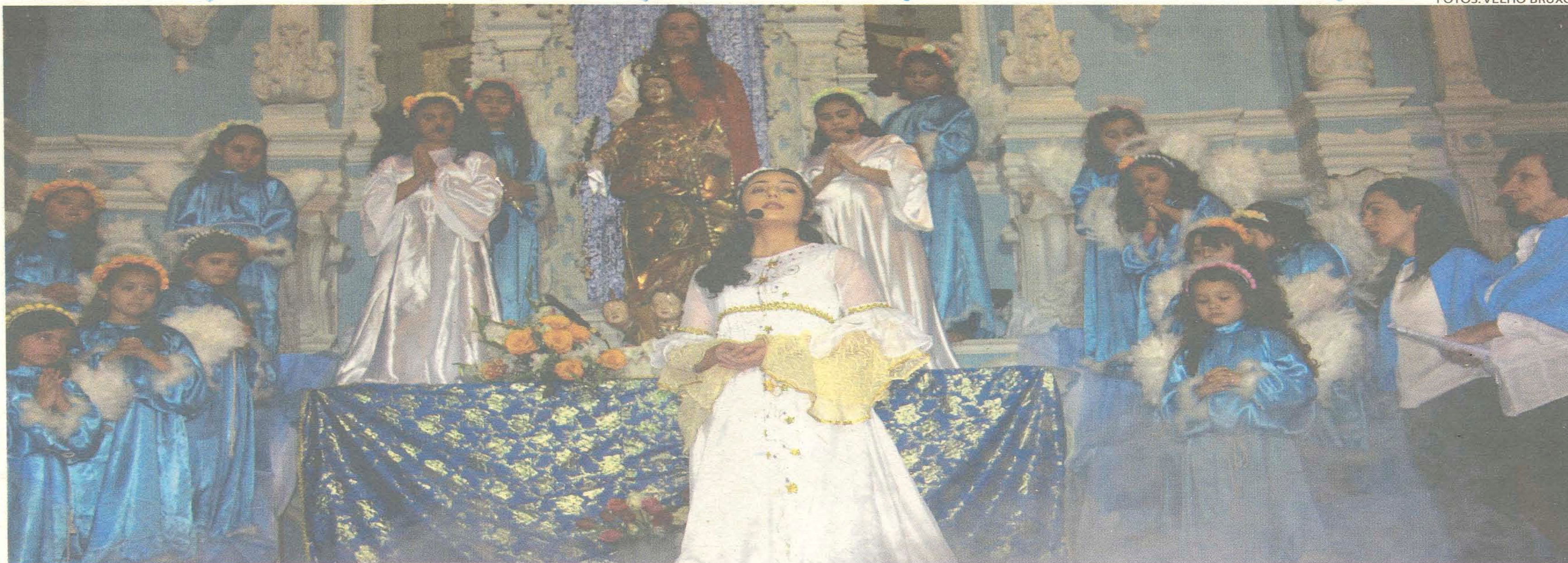
Como os trajes do cortejo são alugados, também é preciso procurar quem caiba neles. Maria de Fátima conta que foi a Governador Celso Ramos, onde tem sido feito o aluguel nos últimos anos, viu os tamanhos disponíveis e começou a convidar crianças e adolescentes da comunidade para participar. Depois, agendou provas de roupas para todo mundo. Com os ajustes feitos na loja, dois funcionários auxiliam cada arrumação do cortejo.

Os aluguéis são cobertos pela organização da festa, mas cabelo e maquiagem, no caso das meninas, fica sob responsabilidade dos pais. Como alguns não têm condições de pagar, e considerando que um dos principais valores da Festa do Divino é justamente a igualdade de todos perante a Deus, Maria de Fátima também arrecadou recursos para esses casos.

Além de belas roupas

Participar do cortejo é uma diversão para as crianças e os adolescentes. A trasladoção no Trenzinho da Alegria, com a banda tocando, por exemplo, foi uma festa. Mas há alguns sacrifícios também, como as várias horas que precisam passar bem comportados e silenciosos, as coceiras que algumas roupas dão e os momentos de cansaço.

Para o cortejo de domingo de manhã, as participantes maiores tiveram de acordar às 5 horas para fazer maquiagem e penteado, já que cada dia tem uma produção diferente. Sofie, uma das integrantes mais novas, foi acordada pela mãe às 8h com a pergunta se preferia dormir mais ou ir no Trenzinho da Alegria. A menina respondeu que queria os dois. Resultado: foi dormindo para o cabeleireiro. Já o irmão dela, Victor, de oito anos, que também fez parte do cortejo, não precisou ir ao salão e foi de casa direto para a residência dos festeiros – sim, para os meninos, não há tanta exigência estética e acaba sendo mais fácil. Mas Sofie parece não ter se importado muito com nenhum dos inconvenientes. Disse que gostou de desfilar no cortejo e quer participar ano que vem de novo.



Coroação de Nossa Senhora aproxima gerações

Característica singular da Festa do Divino de Santo Antônio de Lisboa, a cerimônia de coroação da imagem de Nossa Senhora das Necessidades, padroeira da paróquia, reuniu diferentes gerações de coroantes neste ano. Em uma participação especial, Mariana Iracema Mendes Pereira, 28 anos, Fabrícia Lima Pires, 40, Jussara Cruz Gomes, 55, e dona Vanda Maria da Cunha Martins, 84, interpretaram “Traja o céu”, a música mais cantada pelas coroantes desde o início da tradição, em 1935. Cada estrofe foi executada por uma delas e o refrão foi entoado por todas, acompanhadas do coral de anjos.

Fabrícia conta que coroou aos 15 anos. “Nós adorávamos, esperávamos pela Festa do Divino para participar. E o processo era natural, iniciávamos como anjos e íamos avançando conforme a idade, até poder coroar. A coroação geralmente fechava o ciclo.” Dona Vanda, que fez a coroação aos 12, diz que até hoje recebe pedidos para passar seus conhecimentos à nova geração. Para ela, “é gratificante ver uma tradição sendo mantida por tanto tempo”.

“Traja o céu” procedeu a música da coroação, “Ó Salve!”, interpretada pela atual coroante, Maria Gabriela Dutra, que se emocionou durante o ritual. Antes, as jovens Helena Lisboa

da Cunha Vilpert e Luiza Pedra Pereira haviam cantado e feito a oferta do terço e da palma a Nossa Senhora. Maria Fernanda Lisboa fez um solo. O Coral Vozes do Sol Poente teve várias participações. A apresentação também contou com um jogral dos anjos, que dizia “Tu és bendita entre todas as mulheres. Foste escolhida para mãe do salvador. Tu és a glória e alegria do teu povo. És nosso orgulho, nossa mãe e nosso amor”.

“Viva Nossa Senhora!”

Com a celebração em torno de Nossa Senhora das Necessidades, o padre Edinei da Rosa Cândido começou sua homilia lamentando o roubo da imagem centenária de Nossa Senhora da Lapa da igreja do Ribeirão da Ilha. “Me solidarizo com a comunidade, que perdeu a materialização de seu amor a Nossa Senhora. Rogo para que Deus nos ajude a encontrá-la. E rogo por um mundo em que os símbolos sagrados

sejam respeitados. Temos que cuidar do que tem significado para nós, como o Museu Nacional.” Em seguida, pediu uma salva de palmas para Nossa Senhora e para a banda Nossa Senhora da Lapa, que embalou os cortejos do Divino. “Viva Nossa Senhora! Viva nossa mãe!”, clamou o padre, ao que os presentes responderam “Viva!”. Na semana seguinte, a imagem de Nossa Senhora da Lapa foi encontrada em um matagal na Tapera. Feita de madeira, a estátua veio de Portugal em 1806.

Saída diplomática

A Festa do Divino de Santo Antônio de Lisboa é a única que coroa Nossa Senhora. Nos Açores, há a coroação de diversas pessoas da comunidade – em alguns lugares, no final da missa, o padre coroa todo mundo que se dirige a ele. Essa prática simboliza a igualdade de todos perante Deus.

Em Santo Antônio, a tradição era coroar o menino-rei, até que em 1935, por alguma razão, o pároco alemão Bernardo Bläsing recusou-se a fazer como de costume. O historiador Sérgio Luiz Ferreira conta que, naquele ano, o provedor da Irmandade era Roldão da Rocha Pires, que sugeriu, então, coroar Nossa Senhora. “O padre alemão foi-se embora. O menino-rei voltou a ser coroado e Nossa Senhora também.” (A.M.)



OS ANJOS DESTE ANO Somente meninas, foram: Clara Saraiva Mendonça, Isabely Dall Igna Rodrigues, Fernanda Alves da Silveira, Helena Dias da Costa Alves, Julia Pedra Pereira, Laura Cristina de Andrade, Mariana Peixoto, Rafaela da Cunha Rosa, Ramona Pinzon Naibert, Sofia Tabalipa de Andrade Padilha, Sophia Dall Igna Rodrigues e Victória Linhares Rodrigues. A apresentação foi montada e ensaiada por Maria de Lourdes de Andrade Padilha e Fabrícia.



O divino amor pelo boi

Desde pequenos, os irmãos por parte de pai Faísca e Fumaça foram bem cuidados, para não dizer mimados, pelo segurança Francisco da Silva, mais conhecido como Chiquinho, 40 anos, vencedor de todas as categorias da 17ª Carreata do Divino (Desfile de Carros de Boi). Quatro vezes por dia, às 9h, 16h, 21h e 0h, Chiquinho os alimentava com porções de ração e frutas, como laranja, maçã e goiaba. Às segundas-feiras, seu dia de folga no trabalho, os levava até a praia do Caminho dos Açores para um banho. Quando os bois estavam grandes, Chiquinho conta que os vendeu para Fausto de Andrade, que agora dá continuidade ao trato. “Volta e meia, vou lá ver os dois. Me apeguei demais a eles. Mas nem posso falar muito que já começo a chorar.”

A relação de Chiquinho com Faísca e Fumaça ilustra a proximidade histórica que as comunidades tradicionais de Florianópolis têm com a figura do boi, seja como animal de trabalho, transporte, estimação ou lazer. Segundo o historiador Joi Cletison, o carro de boi já tinha muita importância como força de trabalho nos Açores. “Quando os casais de imigrantes vieram para cá, foi prometida uma junta de bois (dois animais) para cada, que nunca foi entregue.” A presença do boi também fica clara no trabalho nos engenhos de farinha, na brincadeira do boi de mamão e na hoje criminalizada tradição da farra do boi.

“Pra mim, pro meu pai e pro Fausto também, nunca foi tanto pra trabalho. É pra boniteza, pra cuidar mesmo, pra ter uma coisa bonita em casa”, diz Chiquinho, que desde criança adorava os bichos do pai, “um boi, que às vezes puxava algumas toras, e uma vaca de leite”. Faísca e Fumaça, naturais da Barra de Sambaqui, renderam a Chiquinho prêmios nas últimas edições da Carreata do Divino. Neste ano, com os animais agora emprestados pelo amigo Fausto, ele teve a ajuda da esposa Vera Lúcia da Cruz e da sobrinha Michelle da Silva na decoração do carro e venceu em todas as categorias (junta de bois, alegoria e conjunto), levando para casa três troféus (peças de artesanato em forma de carro de boi). Para o desfile de 2019, pretende levar seus novos bois, Tufi e Tupã, que ainda estavam muito jovens para sair.

Além de Chiquinho, outros 17 carreiros participaram da 17ª Carreata do Divino, oriundos do distrito de Santo Antônio de Lisboa, do Rio Vermelho e de Santo Amaro da Imperatriz. Foram eles, por ordem de apresentação: Caju, com os bois Brazino e Fumaça; Alexandre Pires, com Brazão e Brazero; Joel da Silva, com Moreno; José Zeno de Andrade, com Mineiro e Faceiro; Francisco João Garcia, com Pintado; Almir Hélio Garcia, com Chita e Moreno; Epifanio, com Queimado e Pintado; Manoel Roque, com Branco e Baio; Claudio de Andrade, com Branquinho

e Malhado; Alvino e Diego, com Linguinha e Linguado; Antônio da Silva, com Sereno e Estrela; José Roberto Andrade, com Chita e Chitinha; Domingos Silva, com Tonico e Tinoco; Igor e Maria, com Gigante e Elefante; Zé Marcinho, com Vivo e Morto; Carlinho Fausto, com Baito e Barroso; e Odair José, com Chamego e Xodó.

No júri, estavam: o vereador e coronel da reserva da Polícia Militar de Santa Catarina Márcio Luiz Alves; a superintendente da Fundação Cultural de Florianópolis Franklin Cascaes (FCFFC), Roseli Pereira; a assistente social Albertina de Souza Vieira; o médico Lourival Bonatelli; o funcionário público aposentado Ademir Borges da Rosa; o professor de Engenharia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) Luiz Teixeira do Vale Pereira; e a artista plástica Lilliane Motta da Silveira.

O administrador e membro da Irmandade do Divino Espírito Santo Gabriel Pires comemora a presença de atividades culturais nos festejos do Divino. “Isso nos ajuda a manter os costumes para que nossos filhos e netos possam conhecê-los. E tanto a Festa do Divino quanto a cultura estão no coração do nosso povo. É o casamento perfeito”, diz Pires. Em seu ano (1998) como festeiro, foi realizada a primeira Farinhada do Divino, no Engenho dos Andrade, hoje atração consolidada da programação.

O boi no engenho

A 21ª Farinhada do Divino foi marcada por um certo clima de despedida, pela possível aposentadoria de Vermelhinho, “o boi que mais trabalhou no Engenho dos Andrade”, segundo um dos proprietários, o artista plástico Claudio de Andrade. Hoje com 19 anos, ele está presente desde a 3ª Farinhada do Divino, tendo participado de todas as edições da Carreata do Divino. “Este ano, foi poupado do desfile porque já está velho”, diz Claudio. Vermelhinho é de propriedade de outro sócio do engenho, Sílvio Branco (Nena).

O evento também teve a estreia de uma junta de bois recém-adquirida justamente para substituir Vermelhinho. Ferrari e McLaren, vindos do Rio Vermelho já com esses nomes, fizeram jus às alcunhas e foram aprovados no trabalho. “Eles são bem rápidos. Isso é bom porque bate mais a farinha e adianta o serviço. Mas, olha, como o Vermelhinho não tem. Ele era uma máquina quando chegou aqui. Seria um Mercedes, digamos assim. E, até hoje, ele entra no engenho e representa”, comenta Claudio.

Vermelhinho, Ferrari e McLaren se revezaram na fazeção da farinha. Como de costume, cada um trabalhou por cerca de uma hora e depois foi descansar. No restante do tempo, foi usado o engenho elétrico.



“As crianças são doidas pelo boi”

“Toda festa tem que ter boi de mamão. É o pedido de apresentação que a gente mais recebe na Fundação. Porque as crianças ainda são doidas pelo boi”, afirma a superintendente da FCFFC, Roseli Pereira. E não foi diferente na Festa do Divino deste ano. Três grupos se apresentaram, o do Pantanal, o do Sambaqui e o de Santo Antônio de Lisboa, para alegria das pessoas de todas as idades que foram assistir.

Marco Antônio Lisboa, de três anos, dançou nos três grupos. Isso porque, dada a fascinação do menino pelo boi, ele e o pai, Fernando Lisboa, ficaram de plantão antes de cada apresentação para ver se sobrava alguma vaga para participar. “Ele adora. Todo dia quer ouvir as músicas do boi de mamão. É uma coisa dele mesmo. Eu nunca participei”, conta Fernando.

Já Miguel Machado-Lopes, de sete anos, que dança no boi do Sambaqui desde os três, herdou o gosto pelo boi da família da mãe, Pâmela Machado. O tio, Eduardo Machado, 20 anos, também faz parte do grupo desde os três. Quando pequeno, era uma atração especial de tanta fofura e desenvoltura. Hoje, inspira o sobrinho, que quer ser vaqueiro, como ele, quando crescer. E essa paixão pelo boi de mamão vem de ainda mais longe. Pâmela conta que os avós, Osvaldo Machado e Rosa Amélia

Pires Machado, sempre tiveram o costume de cantar as músicas do boi nas festas de família.

O mesmo aconteceu com Pedro Agenor Andrade, de quatro anos, o minicavaleiro do boi de Santo Antônio, cuja doce presença arranca suspiros do público. Filho de Rafael Andrade, Pedro dança desde os dois, sob os cuidados atentos do pai, “para que nenhum bicho acabe machucando ele”. À vontade na interpretação de seu personagem, Rafael conta que aprendeu com o tio, Felipe Andrade, que faz o papel de médico, tem formação como ator e lembra de ver os irmãos mais velhos dançarem o boi de mamão.

Considerando o tamanho da demanda por apresentações, Roseli informa que, em breve, a FCFFC vai abrir um edital para os grupos se credenciarem e serem contratados com mais facilidade pela Prefeitura.

O boi que chorou

O comerciante Fausto de Andrade, atual dono de Faísca e Fumaça, que renomeou de Taísca e Tumaça porque todos os seus bois têm nomes começando com a letra t, é notoriamente um apaixonado por bovinos. Hoje, possui 12 bois, mas ao longo da vida já teve 28. “Ninguém ama mais um boi do que eu. É lá nos dois que eu vou buscar energia pro resto do dia. Eles me dão amor, me dizem quando estão

com saudade de mim pelas lambidas, me fazem um verdadeiro pai”, diz.

Fausto conta que uma de suas experiências mais marcantes relacionadas a esses animais foi com Tupã, um boi bravo que o atacou em uma Quarta-feira de Cinzas. “Isso nunca tinha me acontecido. Mas ele quase me matou.” Fausto havia decidido sacrificá-lo no dia seguinte. Porém, quando chegou no pasto, o boi estava completamente mudado, parecia amansado. Assim, decidiu apenas trocá-lo por outro boi com um conhecido.

Um ano mais tarde, foi ver como o bicho estava. Ouviu dos novos donos que não deveria entrar no campo, pois seria atacado. Entrou mesmo assim. Aproximou-se devagar, chamando o animal pelo nome. Tupã também foi chegando perto, cheirando-o. “Comecei a fazer carinho nele e, quando vejo, ele está chorando, a lágrima correndo. Eu me agarrei no pescoço nele e chorei junto até ir embora.” Tupã acabou sacrificado por causa de outros ataques de fúria.

Farra do boi como brincadeira

Atualmente criminalizada, a farra do boi é outra expressão da relação da população de origem açoriana com o boi. Nos Açores, a atividade, chamada de boi à corda, foi regulamentada. Na Ilha Terceira, por exemplo, em uma rua fechada, o boi é amarrado

em uma corda de 50 metros e corre atrás das pessoas, que fogem, subindo em muros e árvores. Homens ficam de prontidão segurando a corda, caso haja necessidade de intervir para evitar um acidente. Cerca de quatro bois são envolvidos, podendo cada um correr por, no máximo, 20 minutos. Depois disso, o animal descansa, e há um veterinário de plantão para eventuais atendimentos. Após o evento, esses touros voltam a seus locais de criação e só podem participar novamente em uma semana.

Por aqui, o historiador Joi Cletison conta que, quando estava à frente do Núcleo de Estudos Açorianos da UFSC, foi feita uma tentativa de regulamentação em Governador Celso Ramos, que acabou suspensa por ter sido considerada inconstitucional pela Justiça. Ainda assim, a prática é mantida em muitos locais. “Como está hoje não é bom para ninguém. Há violência entre a polícia e a população, prisão de pessoas e morte de animais”, diz.

Muita gente lembra da farra do boi como brincadeira. Gabriel Pires conta que, antigamente, “não se maltratava os bichos. Mas era outra realidade. Tinha muito terreno vazio, rua sem calçamento, pouco carro. Às vezes, a gente ficava a noite toda no matão e nem via o boi. Também não se bebia tanto na nossa época”. Cletison ainda ressalta que “a farra não é mais violenta que rodeio e vaquejada”. (A.M.)



FOTO: MILTON OSTETTO



FOTO: VELHO BRUXO

Renatinho Marciano

FOTO: CELSO MARTINS



Silvana Martins

O alimento, a partilha e a solidariedade

Se a música ocupa os corações, a gastronomia aquece o estômago, rejuvenesce o corpo do devoto e une a comunidade. Comer faz parte do ritual – do singelo pãozinho de Santo Antônio distribuído na missa à comida de engenho servida na Farinhada, passando pelo 9º Risoto do Divino e pelo 14º Cozido da Solidariedade e da Partilha, eventos já consagrados no calendário da Festa do Divino de Santo Antônio de Lisboa.

As atividades gastronômicas do Divino começaram com os risotos preparados e doados pelos restaurantes Doix Manezinhos, Delícias do Mar, Freguesia, Gugu, Marquinhos, Pitanguieiras, Posto da Alfândega e Vitello, pela moradora Luzineia Amorim e por integrantes da família Branco.

Em seguida, veio o sábado da Farinhada, com seu típico prato de pirão d'água (com farinha feita no Engenho dos Andrade), linguiça frita, cebola refogada e caldo de feijão. “Essa era uma comida do dia a dia, mas muitas vezes em vez de linguiça tinha peixe. Eu, até me casar, não gostava de pirão e não entendia como o meu pai podia gostar. Mas, quando cheguei aqui no Engenho, o Claudio (marido) e a Dinha (cunhada) toda vida queriam fazer e adoravam, então aprendi a gostar”, conta Irene Gaia,

que coordenou os trabalhos da cozinha na Farinhada. O evento ainda teve escondidinhos de camarão e carne seca, estopa (peixe desfiado com molho), galinha caipira ensopada, polenta e salada, além de beiju e cuscuz feitos em um engenho de Três Riachos (Biguaçu).

Durante a maior parte dos dias da festa, cozinheiras e cozinheiros voluntários trabalharam por horas a fio na bem equipada cozinha do salão paroquial Valérico João de Souza, assegurando almoços, lanches e jantares. Foram cerca de 900 refeições, 600 cachorros-quentes e 200 kg de batata frita, entre outras delícias. Desde 2014, Silvana Martins voluntaria na cozinha, sendo responsável pelas compras. “De um ano para o outro, fui anotando as quantidades que comprávamos e ajustando as necessidades. Hoje já sei que com 10 kg de carne moída dá para rechear 20 pacotes de massa de pastel, por exemplo”, conta. Silvana diz que está cada vez mais difícil conseguir pessoas dispostas a doar um pouco do seu tempo para esse trabalho, mas diz que quem vai, adora. “É cansativo, claro. Mas a turma é divertida, não tem cobrança e a gente sai completamente da rotina. É tão bom que o mesmo pessoal acaba voluntariando em outras festas comunitárias”. (A.M.)

Da Sopa do Espírito Santo ao Cozido

POR PAULO RICARDO CAMINHA

Tudo começou no ano de 2005, quando o casal festeiro Anézio e Maurília Andrade, no desejo de inovar a Festa do Divino de Santo Antônio de Lisboa, lançou a proposta de introduzir algum elemento que reportasse às festas dos Açores.

Ali foi o início de um esperado evento, a Função do Espírito Santo, a Sopa do Espírito Santo, o Cozido do Divino e, desde 2015, o Cozido da Solidariedade e da Partilha, que apesar da mudança de nome, permanece o mesmo na essência e no sabor.

No dia do Espírito Santo nos Açores, todos têm o direito de fazer uma refeição de carne, pão e vinho, sem que tenham que pagar por ela. Em Santo Antônio, como Sopa do Espírito Santo, a atividade sobreviveu apenas aos dois primeiros anos. A modificação foi rápida, para atender ao bom manezinho, que ao se servir suplicava por uma farinha para

fazer um pirão com aquele caldo. E foi aí que o pão deu lugar à farinha e, com poucas adaptações, a sopa do Espírito Santo se transformou em cozido.

Esse espírito da partilha, vindo dos Açores pelas mãos de nossos povoadores, tem outros exemplos na Ilha de Santa Catarina. No Ribeirão, era servido um café com cucas e bolos durante a festa e, na Irmandade do Divino Espírito Santo do Centro, tive a oportunidade de participar de deliciosos e inesquecíveis cafés. Naquela década de 1960, a imponente presença de Dom Joaquim Domingues de Oliveira era uma marca.

No primeiro ano do nosso evento, compareceram 160 pessoas e, com o passar dos anos, esse número estabilizou em torno dos 400. É um momento de conagração na comunidade, onde a tônica é a partilha. Até o próximo Cozido!

Festa do Divino Espírito Santo ou Culto ao Espírito Santo?

POR JOI CLETISON*

“Tal como celebradas hoje em dia em diversas partes do mundo as Festas do Divino apresentam uma série de traços comuns e constantes, em particular a uma doutrina, muito bem demarcada e forte na sua conceitualização. Mas o que mais nos admira, e nos enche de consideração e respeito pelas festas e pelos seus organizadores é a fidelidade dessa doutrina às suas origens medievais. Sete séculos não perturbaram e nem corromperam os traços fundamentais da mensagem do Espírito Santo tal como as festas açorianas nos transmitem. Por isso, mais do que organizadores, aos açorianos e seus descendentes temos que considerar como portadores do Espírito Santo”.¹

A teoria do Espírito Santo foi criada pelo Abade Joaquim de Fiore no século XIII e a primeira festa do Divino realizada no final desse século, pela Rainha Izabel de Aragão na cidade de Alenquer em Portugal. Fiore pregava que na Nova Era, a era do Espírito Santo, seremos todos iguais, viveremos em total harmonia com Paz e Fraternidade. Fraternidade, Harmonia e Paz, essa é a essência da Teoria do Espírito Santo que o abade Joaquim pregava a mais de 700 anos atrás. Essa é a mensagem das festas do Divino.

Nestes quase sete séculos, os rituais das festas permaneceram praticamente inalterados. Em várias partes do mundo o ritual começa após a Páscoa e culmina com a festa do Espírito Santo na data de Pentecostes. A festa ainda mantém nos seus rituais: o peditório, as promessas, o cortejo, as massas, o imperador, os bodos, as novenas, a coroação, as esmolas, os foliões, as irmandades, a devoção e os três dias de festas.

Na Ilha Terceira, no Arquipélago dos Açores, essa ilha tem o tamanho aproximado ao da Ilha de Santa Catarina e uma população de sessenta mil pessoas, são realizadas mais de 60 festas ao Espírito Santo.

Nos Açores, as festas são chamadas de Culto ao Espírito Santo e realizadas com uma imensa participação do povo. Já em Santa Catarina, nos referimos às festas como as Festas do Divino Espírito Santo, da mesma forma sempre com grande participação popular. Lá e cá é uma festa do Povo e para o Povo. Posso afirmar com toda convicção que é a maior herança que os açorianos nos deixaram e mantida até os dias de hoje pela cultura popular.

Nas nossas festas aqui Santa Catarina temos uma devoção e identidade muito maior direcionada à Bandeira do Divino, já nos Açores essa devoção e identidade é direcionada sempre à Coroa do Divino confeccionada em prata.



Sopas do Espírito Santo, em Ilha Terceira, no Arquipélago dos Açores

Devoção popular e fé

Nos Açores ainda hoje oferecem, nos três dias de festa, os “bodos”. Os bodos são a distribuição de comida na festa (a partilha), lá todos os que forem a uma festa do Espírito Santo são convidados a sentar a mesa e comerem a mesma comida independente da sua posição social, ao menos nos três dias de festa seremos todos iguais. Já no

Brasil perdemos os bodos, com raras exceções temos algumas ações que nos remetem a esse ritual, posso citar os Cozidos do Divino em Santo Antônio de Lisboa ou as Canjas do Divino na cidade de Palhoça.

Nos Açores todos dizem que o Espírito Santo é do Povo e não da Igreja, lá como cá a devoção popular e a fé se encarregaram de manter as festas praticamente com seus rituais inalterados.



FOTO: GUILHERME CARDOSO

BRUNO REGO Um formato diferente de Festa do Divino nos Açores foi mostrado em fotografias pelo engenheiro Bruno Rego, natural e residente da Vila de Rabo de Peixe, Ribeira Grande, Ilha de São Miguel. Bruno foi encaminhado pelo Diretor Regional das Comunidades/Governo dos Açores, Paulo Teves.

A mostra fotográfica intitulada “Juntos pelo passado, unidos pelo futuro”, foi aberta no dia três de setembro passado na Casa de Cultura Clara Manso de Avelar, integrando a programação da Festa do Divino de 2018 de Santo Antônio de Lisboa.

O açoriano foi recebido com hospitalidade e acolhido com carinho, cantou, dançou e foi embora com uma coleção de amizades e histórias para contar. Em foto de Guilherme Cardozo, Bruno aparece entre o fotógrafo Edson Luiz da Silva (Velho Bruxo) e o dirigente dos festejos do Divino, Manoel Hercílio Marciano (Deca).

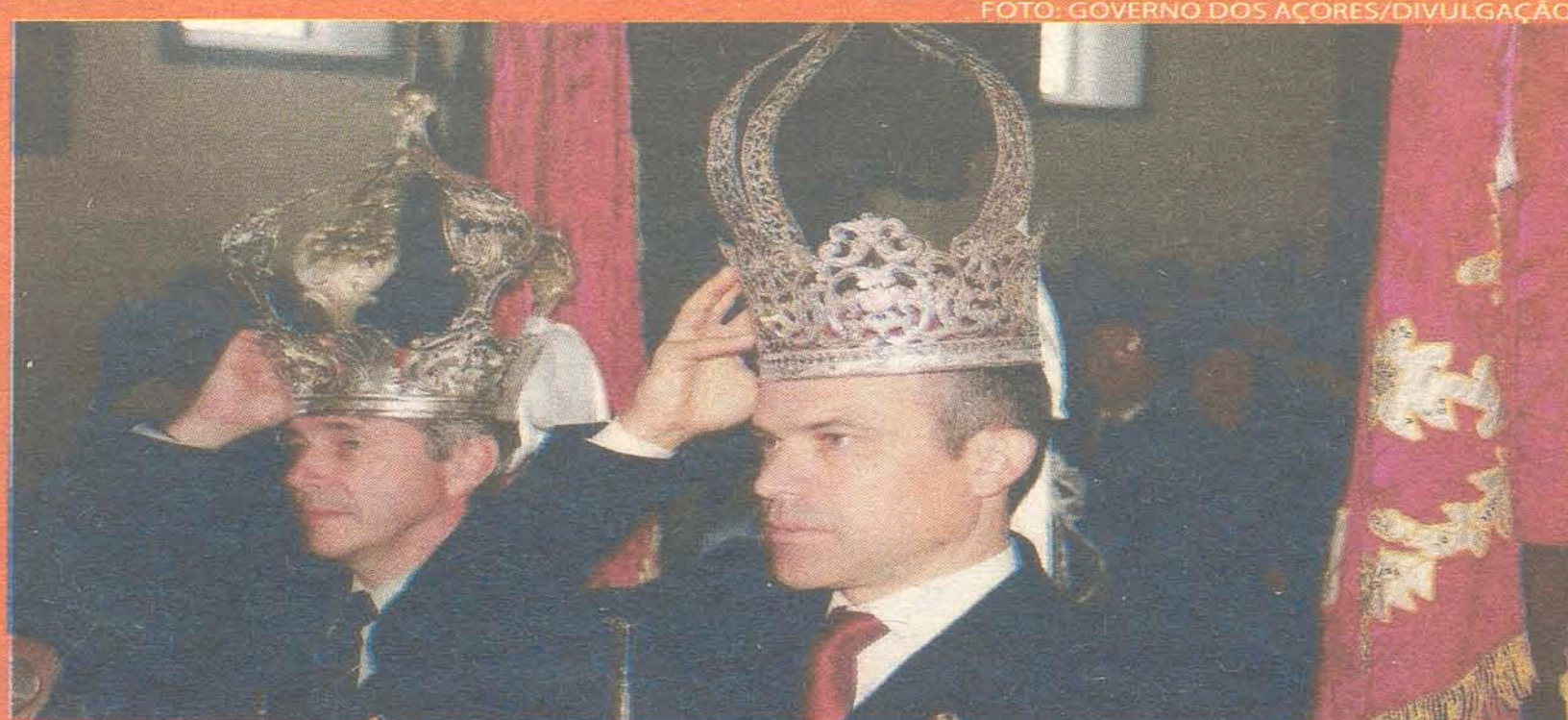


FOTO: GOVERNO DOS AÇORES/DIVULGAÇÃO

COROAÇÃO NOS AÇORES Novo Irmão da Irmandade do Divino de Santo Antônio de Lisboa (Florianópolis/SC), o historiador Joi Cletison foi homenageado na Ilha Terceira (Açores), em 2006. O coroamento ocorreu durante o 3º Congresso Internacional das Festas do Espírito Santo, realizado na cidade de Angra do Heroísmo/Ilha Terceira. “Foi o primeiro evento internacional sobre o tema”, recorda Joi.

* Joi Cletison é historiador do Núcleo de Estudos Açorianos (NEA) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

¹ Lupi, João. Anais do 1º Colóquio Internacional das Festas do Divino Espírito Santo, Florianópolis, 1999.

FOTO: JOI CLETISON



FOTO: CELSO MARTINS



O Divino Espírito Santo e o espírito comunitário em Sto. Antônio de Lisboa

POR SÉRGIO LUIZ FERREIRA*

A população de Santo Antônio viveu durante dois séculos uma religiosidade popular muito semelhante à de outros rincões do Brasil. Até 1922, os párocos eram portugueses ou descendentes. O primeiro vigário foi o açoriano, da Ilha do Pico, Padre Domingos Pereira Teles. Ele esteve à frente da paróquia por 28 anos, de 1750 a 1778. O Padre Lourenço Rodrigues de Andrade, filho de açorianos, foi vigário por 27 anos (1797-1821 e 1823-1826) e seu sobrinho-neto, Cônego José Fabriciano Pereira Serpa, por 53 anos (1869-1922).

A partir da morte do Cônego Serpa, assumiram a paróquia padres italianos e alemães, como os padres João Casale e Bernardo Bläsing. Em seguida, vieram filhos e netos de alemães e italianos. Para além da romanização da Igreja, impulsionada pelo Concílio Vaticano I, e reafirmada no Brasil após a proclamação da República, Santa Catarina viveu um verdadeiro processo de germanização do catolicismo. A formação do clero em Santa Catarina é fortemente marcada por essa visão de que os descendentes de açorianos têm uma fé tosca, rústica, de pura exterioridade. A maioria do clero só vê o luxo dos cortejos imperiais nos dias principais da festa, não tem dimensão da força da fé manifestada pelas pessoas quando recebem o "Santo" em suas casas.

Em 1928, o padre Casale perguntou ao provedor da Irmandade do Divino Espírito Santo de Santo Antônio qual tinha sido o resultado financeiro da Festa do Divino. O provedor respondeu que isso não era da conta dele, porque era a Festa do Divino uma festa particular. Até hoje é assim nos Açores, as festas do Espírito Santo são das irmandades, não são festas da paróquia.

As festas do Divino em Santa Catarina sofreram nos últimos anos uma grande transformação. As chamadas festas particulares tornaram-se, em muitas paróquias, o principal evento de arrecadação de fundos para a manutenção das atividades paroquiais. Concomitantemente os padres passaram a ter mais influência sobre as atividades e a programação das festas, tornando-as, de modo geral, mais afeitas ao catolicismo romano e minimizando as influências do dito catolicismo popular de origem ibérica.

Sopa e cozido

Um dos efeitos desta romanização das festas do Divino foi a diminuição do caráter de partilha que elas tinham. Aos poucos os bodos foram se acabando nas festas. Em Santo Antônio essa partilha resistiu nas novenas que acontecem de maio a agosto. Sempre depois de cada novena, os donos da casa servem alguma refeição aos devotos.

Em 2005, a festa do Divino de Santo Antônio contou com a parceria da Casa dos Açores de Santa Catarina, que promoveu a distribuição gratuita de Sopas do Espírito Santo, à moda dos Açores, a toda a comunidade numa noite da festa.

Depois de dois ou três anos, as sopas se transformaram no Cozido do Divino, elaborado por um grupo de voluntários. O pão foi substituído pela farinha de mandioca mas continua a ser servido gratuitamente e a entrada, desde 2015, é um quilo de alimento ou fralda geriátrica para serem doadas. O Cozido passou a se chamar da Solidariedade e da Partilha. Já não se serve refeição de graça no domingo da festa mas deu-se um jeito de partilhar uma refeição gratuitamente numa noite dos festejos. A religiosidade popular tem esse dom de se reinventar e de ressignificar os seus rituais.

Mudanças

De modo geral, tradicionalmente, em Santo Antônio de Lisboa, os imperadores (festeiros) eram políticos ou pessoas de posses que pudessem arcar com as despesas da festa. Em 1981 assumiu uma nova diretoria da Irmandade que rompeu com o ciclo de imperadores políticos. Uma das determinações do novo provedor Altino Dealtino Cabral (1922-1999), que foi provedor de 1981 a 1998, era que o imperador fosse da comunidade. Deu-se dessa forma

uma guinada no jeito de fazer festa do Divino. O festeiro não precisava mais ter posses para bancar a festa, precisava ter disposição para arrecadar recursos com a ajuda da comunidade.

A partir de 1985 algumas festas passaram a contar com semanas culturais em sua programação. Desde 1998, a festa apresenta programação cultural e religiosa que dura pelo menos cinco dias. Uma comissão permanente planeja e organiza a festa ao longo de todo o ano e procura sempre aliar a religiosidade dos Açores e a cultura do litoral de Santa Catarina. Ao longo desses anos vários grupos dos Açores estiveram em Santo Antônio de Lisboa (Ilha de São Miguel, Terceira e Pico).

Entre as várias manifestações da cultura de Santa Catarina prestigiadas pela Festa do Divino de Santo Antônio de Lisboa está a farinhada, que acontece desde 1998 no Casarão e Engenho dos Andrade, patrimônio histórico tombado. Também acontecem apresentações do Boi de Mamão, Pau-de-Fita e outras danças folclóricas. Desde 2002, ocorre também um desfile de carros de boi.

Podemos dizer que a Festa do Divino em Santo Antônio de Lisboa é a maior celebração de sua tradição e de sua cultura. Ela é aguardada, planejada, ansiada e vivida com toda a intensidade possível. A transmissão da coroa é a certeza de que a festa seguinte já começou.

* Sérgio Luiz Ferreira é Licenciado em Filosofia pela Unifebe, Mestre e Doutor em História pela UFSC. Professor da UFSC. Vice Provedor da Irmandade do Divino Espírito Santo e de Nossa Senhora das Necessidades. E-mail: sergioluiz.ferreira@gmail.com.

TÚNEL DO TEMPO

Antigos festeiros do Divino

POR EDSON LUIZ DA SILVA/
VELHO BRUXO



2006

Casal Timóteo Ferreira Filho (Timotinho) e Bertolina Machado Ferreira. Timotinho é filho de Timóteo Antônio Ferreira e Emília Homem Ferreira (ele natural de Sambaqui e ela do Ratoles). Bertolina é filha de Luiz Manoel Machado e Natalícia Catarina Machado (naturais do Ratoles).



2007

Casal Zair/Jair da Luz e Maria de Fátima Lima da Luz. Zair é filho de Francisco Marciano da Luz e Diamantina Ventura da Luz, natural da praia do Forte. Mariazinha é filha de Romeu de Lima e de Yolanda Rocha de Lima, todos naturais de Sambaqui.



2008

Casal Nilso Gonçalves e Ivandina Cechinel Gonçalves foram os festeiros de 2008. Nilso é filho de Armando Gonçalves e Natália Emília Gonçalves, ambos de Sambaqui, e Ivandina é filha de Ladyr Benett Cechinel e Otília Rinaldi Cechinel, ambos de Orleans.



2009

Casal Agenor Domingos de Andrade e Josilene Marques de Andrade. Agenor, filho de Agenor José de Andrade (natural de Santo Antônio de Lisboa) e Iracema Marta de Andrade (Praia do Forte). Os pais de Josilene, José Jacinto Marques Filho e Maria Terezinha Marques, eram de Governador Celso Ramos.



2010

Casal Ivo Manoel de Oliveira e Rute Braga de Oliveira. Ivo é filho de Jorge Soares de Oliveira e Maria Rosa Soares e Rute filha de Orlando Lino Braga e Teodora da Silva Braga.



2011

Casal Manoel José Pereira Filho e Maria Ana Martins Pereira. Manoel é filho de Manoel José Pereira e Maria do Carmo Pereira, ambos de Santo Antônio de Lisboa. Maria é filha de Marcolino Torquato Martins e Ana Etelvina Martins, ele de Santo Antônio e ela de Santo Amaro.



2012

Casal Maurício Cunha Martins e Silvana Martins. Maurício é filho de Vicente Martins e Vanda Maria da Cunha Martins, ambos de Sambaqui. Silvana, filha de Nelson da Silva e Marlene Machado da Silva.

2013

Casal Alaete Marciano e Nilda da Luz Marciano. Alaete é filho de Hercílio Pedro Marciano e Flordovina da Ventura Marciano e Nilda, filha de Diamantina Ventura da Luz e Francisco da Luz.

2014

Casal Edemilso Neves Damasceno e Maria Helena Possenti Damasceno. Edmilso é filho de Haroldo Neves Damasceno e Maria Rocha Damasceno. Maria Helena filha de Virgínio Possenti e Francisca Burro Possenti.



2015

Casal Renato Machado da Silva e Berenice Cunha Martins da Silva. Renato é filho de José Eliseu da Silva (Zé do Cacupé) e Zair Machado da Silva. Berenice é filha de Vicente Martins e Vanda Maria da Cunha Martins.

2016

Casal Ademir Peixoto e Maria (Lia) Marciano Peixoto. Martinho Manoel Peixoto e Erauta Polina Peixoto são os pais de Ademir. Maria (Lia) é filha de Hercílio Pedro Marciano e Flordovina da Ventura Marciano.

2017

Em 2017 a Festa do Divino ficou aos cuidados do casal José Padilha e Maria de Lourdes de Andrade Padilha. Em 2018 a Bandeira esteve nas mãos de Sérgio e Carmen Bertoldo.

FOTO: CELSO MARTINS



Élcio e Albertina, Casal Festeiro de 2019

O novo Casal Festeiro observado pelo então provedor Maurício Martins. Atrás, o atual vice-provedor Sérgio Luiz Ferreira

A Festa do Divino de 2019 em Santo Antônio de Lisboa tem como Casal Festeiro o engenheiro Élcio Vieira, 67 anos, e a assistente social Albertina Terezinha de Souza Vieira, 60.

A novidade foi anunciada no começo da noite de domingo (9.9), ponto alto da "Celebração da Palavra", cerimônia religiosa de encerramento dos festejos de 2018, conduzida pelo padre Ednei da Rosa Cândido.

Como sempre acontece, esse é o momento muito esperado, pela curiosidade dos fiéis em saber quem vai assumir a Festa.

Élcio nasceu em Canasvieiras e se mudou com a família para Santo Antônio com 12 anos, local de nascimento da futura esposa, Albertina, oriunda de família ligada à igreja. A Festa do Divino, segundo ela, "se repete, mas nunca é igual".

Os dois fizeram pronunciamentos emocionados após receberem a

FOTO: VELHO BRUXO



Sérgio e Carmen Bertoldo

Coroa, Cetro e Bandeiras das mãos do Casal de 2018, Sérgio e Carmen Bertoldo. "Não queria que essa hora chegasse", disse Sérgio na despedida, enfatizando a "emoção" presente desde as primeiras novenas e pedidos.

Patrimônio imaterial

As festas do Divino de Santo Antônio de Lisboa e outras localidades da Ilha de Santa Catarina, foram tombadas pelo Município. Uma cópia do "Registro das Festas do Divino Espírito Santo do Município de Florianópolis, considerando Bem de Natureza do Patrimônio Imaterial ou Intangível do Município", lançado no Livro de Celebrações, foi entregue em mãos pelo prefeito Gean Loureiro e a superintendente da Fundação Franklin Cascaes, Roseli Pereira.

O ato de entrega do documento ocorreu durante missa solene de Coroação do Rei na manhã de domingo (9.9). Considerada uma festa popular de nítida origem açoriana, o tombamento inclui os festejos da Trindade, Ribeirão da Ilha, Monte Verde, Prainha, Estreito, Rio Tavares, Pântano do Sul, Campeche, Lagoa da Conceição, Santo Antônio de Lisboa, Rio Vermelho, Barra da Lagoa e Canasvieiras. A do Centro é tombada também como patrimônio estadual pela Fundação Catarinense de Cultura.

DIA DAS CRIANÇAS

O Dia das Crianças, dia 12 de outubro, será festejado em Santo Antônio de Lisboa, Barra do Sambaqui e Sambaqui.

Festa no Triunfo (Sambaqui)

Festa das Crianças no clube Triunfo, dia 12 de outubro, uma sexta-feira. A diretoria do clube de Sambaqui busca apoio para receber as cerca de 700 crianças e almoço para 300 pessoas, balas e doces, guloseimas em geral e outros alimentos. Entre os equipamentos previstos estão a cama elástica, tobogã inflável, parede de escalada, piscina de bolinha e Espaço Kids.

Barra do Sambaqui

Festa das Crianças na Barra do Sambaqui acontece no salão paroquial da igreja. Procissão às 9 horas saindo da rua do DAE, seguida de missa. Haverá ônibus para levar as crianças ao Triunfo.

Santo Antônio

Em Santo Antônio de Lisboa a festa organizada pelo clube Avante será no dia 14 (domingo), às 15 horas, na rua Cônego Serpa. Haverá música ao vivo e apresentação do Boi de Mamão da Associação de Moradores de Santo Antônio de Lisboa (Amsal). Equipamentos de futebol de salão, pula-pula jacaré, basquete, piscina de bolinhas e tobogã gigante, entre outros. Distribuição de refrigerantes, pipoca e algodão doce. Presença de personagens da "Turma da Fábrica dos Sonhos".



DAQUI NO FACE

O antigo portal Daqui na Rede está operando (provisoriamente) com uma página no Facebook.

Confira: <https://www.facebook.com/daquinarede/>

PARTICIPE E ANUNCIE NO DAQUI JORNAL

Ajude a fortalecer o Jornalismo Comunitário do distrito de Santo Antônio de Lisboa

Contatos: (48) 99804.4804,
contato.daquijornal@gmail.com